

**A ARTE  
DE CORRER  
NA CHUVA**  
*Garth Stein*

Tradução  
ANTONIO LIMA

**PA  
PJ  
PI  
PI**

Copyright © 2008 by Bright White Light, LLC

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Art of Racing in the Rain

CAPA estúdio insólito

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Lauro Machado

PREPARAÇÃO Thais Pahl

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Stein, Garth

A arte de correr na chuva / Garth Stein ; tradução  
Antonio Lima. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2016.

Título original: The Art of Racing In the Rain.

ISBN 978-85-8439-035-9

1. Romance norte-americano I. Título.

16-03706

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br)

Gestos são tudo o que me resta; às vezes, eles precisam ser de natureza grandiosa. Sei que de vez em quando eu passo dos limites e caio no melodrama, mas só assim consigo me comunicar de forma clara e eficaz. Só assim consigo me fazer entender sem que haja dúvidas. Não posso me valer de palavras: para o meu desgosto, tenho uma língua longa, achatada e solta — uma ferramenta terrivelmente ineficaz para movimentar a comida na boca enquanto mastigo, e ainda menos eficaz para produzir sons polissilábicos inteligentes e complicados que possam se unir para formar frases. E é por isso que agora estou aqui no piso gelado da cozinha, deitado sobre uma poça da minha própria urina, esperando Denny voltar para casa. Ele deve chegar logo.

Estou velho. E embora vá envelhecer ainda mais, não é desse jeito que gostaria de partir. Injeções cheias de analgésicos e esteroides reduzem o inchaço das minhas articulações. Minha visão está embaçada pela catarata. Embalagens plásticas recheadas de fraldas para cães foram estocadas na despensa. Tenho certeza de que Denny me daria uma daquelas cadeirinhas que tenho visto nas ruas, que sustentam a traseira para que cães possam arrastar suas bundas quando as coisas começam a não funcionar. Isso é humilhante, degradante; não sei se é pior que fantasiar um cachorro no Halloween, mas está quase lá. Ele faria isso por amor, é claro. Tenho certeza de que me manteria vivo o máximo que pudesse, mesmo que meu corpo se deteriorasse, se desintegrasse ao meu redor, se dissolvesse até que nada mais restasse a não ser meu cérebro flutuando num pote de vidro cheio de um líquido transparente, meus globos oculares à deriva na superfície, e cabos e tubos de todos os tipos mantendo o que restou. Mas não quero ser mantido vivo. Porque sei o que vem depois. Já vi na tv. Sobretudo num documentário que assisti sobre a Mongólia. Foi a melhor coisa que já vi na televisão — depois, é claro, do Grande Prêmio da Europa de 1993, a maior corrida de todos os tempos, na qual Ayrton Senna se provou um gênio na chuva. Depois do GP de 1993, a melhor coisa que vi na tv foi esse documentário que me ensinou tudo, esclareceu tudo, me contou toda a verdade: quando a vida de um cachorro termina, sua próxima encarnação é como humano.

Sempre me senti quase humano. Sempre soube que havia algo em mim

que era diferente dos outros cachorros. Certo, estou dentro de um corpo de cachorro, mas isso é apenas uma casca. O que importa é o conteúdo. A alma. E a minha alma é bem humana.

Agora já estou pronto para me tornar humano, embora tenha me dado conta de que perderei tudo o que eu sou. Todas as minhas memórias, todas as minhas experiências. Gostaria de levá-las comigo para a próxima encarnação — foi tanta coisa que vivi com a família Swift —, mas não posso evitar. O que mais eu poderia fazer a não ser me esforçar para lembrar? Tentar imprimir na alma — algo que não tem superfície, nem lados, nem páginas, nem sequer forma — as coisas que aprendi? Carregar tudo tão fundo nos bolsos da minha existência, que, quando abrir os olhos e enxergar minhas novas mãos, com polegares capazes de se fechar sobre os dedos, já saberei... Já serei capaz de ver.

A porta se abre, e escuto um chamado familiar. “Ei, Zo!” Minha vontade é deixar de lado a dor, me erguer sobre as patas, abanar o rabo, dependurar a língua e enfiar meu rosto entre suas pernas. Ficar escondido, principalmente nesse momento, exige uma força de vontade sobre-humana, mas eu consigo. Fico escondido. Não me levanto. Estou atuando.

“Enzo?”

Escuto seus passos, a preocupação na voz. Ele me encontra e fica me olhando. Levanto a cabeça, abano o rabo com tanta força que ele fica batendo no chão. Faço meu papel.

Ele sacode a cabeça, passa a mão pelo cabelo e apoia a sacola plástica em que trouxe seu jantar. Sinto o cheiro do frango assado através do plástico. Hoje à noite ele vai comer frango assado e uma salada de alface.

“Ah,ENZ”, diz.

E então se agacha, se inclina, faz carinho como só ele sabe, ao longo da dobra atrás da orelha, e eu ergo minha cabeça e lambo seu antebraço.

“O que aconteceu, rapaz?”, ele pergunta.

Gestos não são capazes de explicar.

“Você consegue levantar?”

Eu até tento, mas me atrapalho. Meu coração dispara, quer sair pela boca. Não, não consigo. Entro em pânico. Pensava estar apenas fingindo, mas realmente não consigo me levantar. Merda. A vida imitando a arte.

“Calma, rapaz”, diz, massageando meu peito para me acalmar, “eu pego você.”

Ele me ergue com facilidade, me põe no colo, e eu o farejo. Sou capaz de saber tudo o que ele fez durante o dia. Seu trabalho — a loja de automóveis em que fica o dia todo atrás do balcão, em pé, sendo gentil com clientes que gritam com ele porque seus BMWs não funcionam direito, porque custa caro

consertá-los, e isso os deixa loucos, então eles acham que têm o direito de gritar com alguém. Posso farejar seu almoço. Ele foi ao bufê indiano de que gosta. Comida à vontade. É barato, e às vezes ele leva um pote para surrupiar porções extras de frango *tandoori* e arroz com açafrão que traz para comer no jantar. Sinto cheiro de cerveja. Ele parou em algum lugar. No restaurante mexicano no alto da rua. Farejo a *tortilla* no seu hálito. Agora tudo faz sentido. Em geral sou excelente para lapsos temporais, mas não estava prestando atenção por causa do meu estado.

Ele me coloca na banheira com delicadeza, abre o chuveirinho e diz: “Calma, Enz”.

“Desculpe o atraso. Deveria ter vindo direto para casa, mas os colegas do trabalho insistiram. Disse a Craig que estava indo embora, mas...”

Ele hesita, e percebo que acha que meu incidente aconteceu porque ele *se atrasou*. Oh, não. Não era para que achasse isso. É tão difícil me comunicar, são tantas as partes que se mexem. Há a representação e a interpretação, e elas são tão dependentes uma da outra que as coisas se confundem. Não queria que ele se sentisse mal por isso. Queria que enxergasse o óbvio, que seria legal ele me deixar partir. Ele tem passado por tanta coisa, e agora por mais essa. Não pode mais ficar se preocupando comigo. Preciso libertá-lo para que ele possa brilhar.

Ele é incrível. Tem um brilho próprio. É tão bonito, com mãos que agarram objetos, com uma língua que diz coisas, e a maneira como ele para e mastiga a comida por um tempo tão longo, fazendo dela uma papa antes de engoli-la. Vou sentir falta dele e da pequena Zoë, e sei que os dois sentirão falta de mim. Mas não posso permitir que sentimentalismos obscureçam meu grande plano. Depois que acontecer, Denny estará livre para viver sua vida, e eu regressarei à Terra numa nova forma, humana, e um dia, quando nos encontrarmos e apertarmos as mãos, vou comentar o quanto ele é talentoso. Piscarei para ele, dizendo “Enzo diz olá”, e irei embora rapidamente, enquanto ele gritará: “Eu o conheço? Já nos vimos antes?”.

Depois do banho, observo-o limpar o chão da cozinha e servir minha comida — que, como sempre, engulo rapidamente. Denny me deixa em frente à tv enquanto prepara o seu jantar.

“Que tal um vídeo?”, sugere.

“Sim, um vídeo”, respondo, mas é lógico que ele não me escuta.

O vídeo escolhido é de uma de suas corridas, e ficamos assistindo juntos. É um dos meus favoritos. A pista está seca na volta de apresentação, mas logo depois que a bandeira verde é acenada, indicando o início da corrida, cai uma chuvarada, uma enxurrada torrencial que engole a pista. Todos os carros à sua volta rodam para a grama, sem controle, e ele segue pilotando

em meio a tudo isso como se a chuva não estivesse caindo sobre ele, como se soubesse alguma mágica para tirar a água do caminho. Como no Grande Prêmio da Europa de 1993, em que Senna ultrapassou quatro carros na primeira volta: Schumacher, Wendlinger, Hill, Prost, quatro dos melhores pilotos do campeonato em seus carros competitivos — ele ultrapassou todos eles. Como num passe de mágica.

Denny é tão bom quanto Ayrton Senna. Mas ninguém vê isso, porque ele tem responsabilidades. Tem uma filha, Zoë, era casado com Eve, que ficou doente e morreu, e tem a mim. Mora em Seattle, mas todos dizem que deveria morar em qualquer outro lugar. E tem um emprego. Às vezes, quando ele viaja, volta com um troféu e o exhibe para mim, e me fala sobre as corridas, sobre como detonou na pista, em Sonoma, no Texas, ou em Ohio Central, e ensinou aos outros pilotos como é que se deve correr quando o tempo está chuvoso.

Quando o vídeo termina, ele diz “Vamos dar uma volta”, e eu luto para ficar em pé.

Ele levanta minha traseira, equilibra o peso sobre as minhas patas, e então fico bem. Em retribuição, roço o focinho em sua coxa.

“Esse é o meu Enzo.”

Deixamos nosso apartamento; a noite está clara e fria, e há uma brisa. Mas mal descemos para a quadra e já temos de voltar, porque meus quadris doem demais, e Denny percebe. Ele sabe. Na volta, ele me dá os biscoitos da hora de dormir, e me enrolo em minha cama, no chão, ao lado da sua. Ele pega o telefone e disca.

“Mike”, diz. Mike é um amigo de Denny, lá da loja em que trabalham atrás do balcão. Chamam o trabalho de “atendimento a clientes”. Mike é um rapaz pequeno com mãos amistosas, sempre rosadas e nenhum vestígio de cheiro nelas. “Mike, pode me cobrir amanhã? Tenho que levar Enzo ao veterinário de novo.”

Nos últimos tempos, temos ido bastante ao veterinário, para comprar diversos remédios que em tese serviriam para me deixar mais confortável, mas na verdade não o fazem. E como não o fazem, e considerando tudo o que aconteceu hoje, decidi colocar em prática o Plano Principal.

Denny para de falar por um instante, e, quando recomeça, sua voz soa diferente. Está rouca, como quando está gripado ou com alergia.

“Não sei”, diz. “Não estou bem certo se é uma visita de rotina.”

Posso não conseguir formar palavras, mas consigo compreendê-las. Estou surpreso com o que ele disse, mesmo que eu tenha armado tudo. Por um momento, fico surpreso ao perceber que meu plano está funcionando. Sei que *de fato* é a melhor saída, levando tudo em consideração. É a melhor coisa

que Denny poderia fazer. Ele já cuidou tanto de mim, durante toda a minha vida. Eu lhe devo este presente: libertá-lo. Deixá-lo brilhar. Fizemos uma boa corrida, e agora ela acabou; o que há de errado nisso?

Fecho os olhos e fico ouvindo ao longe, meio dormindo, enquanto ele cumpre sua rotina de antes de dormir. Escovar, bochechar, cuspir. São tantas coisas. As pessoas e seus rituais. Às vezes elas se apegam demais a isso.

Ele me pegou de uma ninhada de filhotes, de um emaranhado vivo de patas, orelhas e rabos, atrás de um galpão num campo malcheiroso perto de Spangle, uma cidade no leste de Washington. Não me lembro muito do lugar de onde vim, mas me recordo da minha mãe, uma cadela pesada da raça labrador, com tetas dependuradas balançando de um lado para o outro, que eu e meus irmãos perseguíamos pelo quintal. Sendo sincero: minha mãe não parecia gostar muito de nós, e era indiferente para ela se estávamos ou não famintos. Parecia ficar aliviada quando um de nós partia. Menos um mamífero a ganir e a persegui-la para sugar seu leite.

Nunca conheci meu pai. O pessoal da fazenda disse para Denny que era um cruzamento de pastor com poodle, mas não acredito nisso. Nunca vi um cachorro que se parecesse com isso na fazenda, e embora a moça fosse simpática, o macho alfa era um canalha, capaz de mentir descaradamente sem nem titubear, mesmo que a verdade lhe fosse mais proveitosa. Fez uma longa exposição sobre raças de cães e acreditava piamente que pastores e poodles eram os mais inteligentes, sendo, portanto, mais desejável — e mais valioso — “que cruzassem com labradores”. Tudo bobagem. Todos sabem que pastores e poodles não são particularmente inteligentes. Eles apenas respondem e reagem, não têm essa autonomia de pensamento. Sobretudo aqueles pastores australianos de olhos azuis para os quais as pessoas fazem a maior festa quando conseguem pegar um *frisbee*. Tudo bem, eles são espertos e rápidos, mas não conseguem pensar fora da caixa; são convencionais.

Tenho certeza de que meu pai era um terrier. Terriers são capazes de resolver problemas. Até fazem o que pedem, mas apenas se calhar de estar de acordo com a vontade deles. Havia um terrier assim lá na fazenda. Um airedale. Grande e forte, preto e marrom. Ninguém mexia com ele. Não ficava com a gente no quintal cercado ao lado da casa. Ficava no galpão ao pé do morro que ladeava o riacho, onde os homens levavam seus tratores para consertar. De vez em quando ele subia o morro, e quando isso acontecia ninguém chegava perto dele. O comentário geral era de que se tratava de um cão de briga, que o macho alfa o mantinha separado porque ele havia matado um cachorro que farejara na sua direção. Que os pelos de sua nuca eriçavam com uma simples olhadela. Que, quando uma cadela estava no cio, ele

montava nela e depois ia cuidar da vida sem dar a mínima se alguém tivesse presenciado ou se incomodado com a cena. Sempre achei que ele fosse meu pai. Tenho as cores dele, preto e marrom, e meu pelo é um pouco duro; às vezes as pessoas comentam que eu devo ser meio terrier. Gosto de pensar que tenho essa genética.

Lembro do calor que fazia no dia em que deixei a fazenda. Todos os dias eram quentes em Spangle, e eu simplesmente achava que o mundo era um lugar quente, já que não conhecia o frio. Nunca tinha visto chuva e não sabia muito sobre água. Água era o conteúdo dos potes em que os cachorros mais velhos bebiam e aquilo que o macho alfa lançava através da mangueira nos focinhos dos cachorros que queriam arrumar confusão. O dia em que Denny apareceu estava excepcionalmente quente. Meus irmãos e eu, como sempre, brigávamos uns com os outros, mas de repente uma mão me pegou pelo cangote e me balançou no ar.

“Este aqui”, disse um homem.

Foi um vislumbre do que viria a ser o resto de minha vida. Ele era esguio, de musculatura magra e alongada. Apesar de não ser homem forte, era rígido. Tinha olhos penetrantes, de um azul gélido. Os fios de seu cabelo ondulado e de sua barba curta e desalinhada eram negros e espetados, como os de um terrier irlandês.

“O melhor da ninhada”, disse a moça. Ela era simpática; sempre adorava quando ela nos acolhia em seu colo macio. “O mais adorável. O melhor.”

“Nós estávamos pensando em ficar com ele”, disse o macho alfa, aproximando-se, as botas cheias de barro do riacho. Eram essas as palavras que ele usava toda vez. Diabos, eu era um filhote de apenas doze semanas, mas já tinha escutado essas palavras várias vezes. Ele as usava para conseguir um pouco mais de dinheiro.

“Posso ficar com ele?”

“Por uma certa quantia”, disse o macho alfa, dando uma olhada para o céu, que o sol deixava com um azul pálido. “Por uma certa quantia.”

### 3

“Com muita suavidade. Como se os pedais fossem cascas de ovos”, é o que Denny sempre diz, “e você não quisesse quebrá-las. É *assim* que se pilota na chuva.”

Quando assistimos aos vídeos — o que sempre fizemos desde o exato primeiro dia em que nos conhecemos —, ele me dá essas explicações. (Justo para mim!) Equilíbrio, previsão, paciência. Esses são vitais. Visão periférica, ver o que ninguém é capaz de ver. Cinestesia, pilotar com base apenas na própria intuição. Mas o que eu mais gostava era quando ele falava sobre não se recordar de nada. De nada do que fizera há apenas um segundo. De bom ou de ruim. Porque a lembrança seria o tempo dobrando-se sobre si mesmo. Lembrar seria se desengajar do presente. Para ter sucesso nas corridas, o piloto precisa não se lembrar de nada.

É por isso que pilotos registram compulsivamente todo e qualquer movimento das corridas — através de câmeras nos cockpits, de gravações feitas de dentro dos carros e do mapeamento de informações. Pilotos não são capazes de testemunhar a própria grandeza; é isso que Denny diz. Que correr é fazer. É ser parte de um instante, não estar consciente de nada a não ser daquele instante. A reflexão tem de surgir apenas depois. O grande campeão Julian SabellaRosa já dizia: “Quando estou correndo, minha mente e meu corpo estão trabalhando juntos tão rapidamente e tão bem que devo me esforçar para não pensar em nada, do contrário cometerei um erro”.

Denny me levou para longe da fazenda de Spangle, para um subúrbio de Seattle chamado Leschi, onde vivia num pequeno apartamento que alugara à beira do lago Washington. Não gostei muito de ter de viver num apartamento, pois me acostumara com espaços amplos e abertos e, de certa forma, ainda era um filhote. Apesar disso, havia uma sacada com vista para o lago, o que me dava prazer, pois sou, por parte de mãe, um cachorro que adora água.

Cresci rápido, e, durante aquele primeiro ano, Denny e eu criamos um profundo carinho um pelo outro, além de uma relação sólida de confiança. Por isso mesmo é que fiquei surpreso quando ele se apaixonou tão perdidamente por Eve.

Ele a trouxe para casa, e ela, assim como ele, tinha um cheiro agradável. Depois de alguns drinques, o que os fazia agir de modo engraçado, eles se agarraram como se houvesse roupa demais entre eles, atracaram-se, puxaram um ao outro. Mordidas nos lábios, dedos curiosos, cabelos puxados, cotovelos, dedos dos pés, saliva. Caíram sobre a cama, ele sobre ela, e a moça disse: “Cuidado! Estou no período fértil”. E ele respondeu: “Estou aberto à fertilidade”. E lavrou aquele campo fértil até agarrar os lençóis, curvar-se e dar um grito de felicidade.

Quando ele se levantou para tomar uma ducha, ela afagou minha cabeça, que pairava dependurada, pois eu ainda era imaturo, com pouco mais de um ano, e estava um pouquinho intimidado com toda aquela gritaria. Ela disse: “Você não se importa que eu também o ame, não é mesmo? Não irei ficar entre vocês dois”.

Respeitei-a por me perguntar, mas sabia que ela *iria* ficar entre nós, e considerei pouco confiável aquela sua negativa antecipada.

Tentava não demonstrar, pois sabia como Denny estava apaixonado por ela. Mas admito que não aceitei muito bem sua presença. E, assim, ela não aceitou muito bem a minha. Éramos ambos dois satélites orbitando em volta do sol (Denny), lutando pela supremacia gravitacional. Ela possuía, é claro, a vantagem da língua e dos polegares, e às vezes, quando o beijava e o acariciava, me olhava por cima do ombro e piscava, como se pensasse: *Veja os meus polegares! Veja o que consigo fazer com eles.*

Macacos possuem polegares.

Eles devem ser a espécie mais idiota do planeta, juntamente com o ornitorrinco e seu bico de pato, que constrói tocas debaixo d'água apesar de precisar de ar para respirar. Ornitorrincos são bastante burros, mas só um pouco mais burros que macacos. Mesmo que macacos tenham polegares. Era para esses polegares dos macacos serem dos cachorros. *Devolvam nossos polegares, seus macacos peludos!* (Adoro a refilmagem de *Scarface* com Al Pacino, muito boa, mas não se compara à trilogia *O poderoso chefão*, que é sensacional.)

Vejo muita tv. Quando Denny sai de manhã, ele a deixa ligada para mim, e isso se tornou um hábito. Ele dizia para eu não ficar o dia todo assistindo, mas eu ficava. Por sorte ele sabe que eu adoro carros, então sempre deixa no Speed Channel. As corridas clássicas são as melhores, e gosto sobretudo da Fórmula 1. Gosto da Nascar também, mas prefiro quando ela é corrida em circuitos de rua. Apesar de preferir ver as corridas, Denny diz que é bom variar um pouco, então ele frequentemente coloca em outros canais, o que também me agrada.

Às vezes, assistindo o History Channel, ou o Discovery Channel, ou o PBS, ou até mesmo um dos canais infantis — quando Zoë era pequena eu passava metade do meu dia tentando tirar da cabeça suas musiquinhas bobas —, aprendo sobre outras culturas e outros modos de vida, e então começo a pensar sobre o meu próprio lugar no mundo e sobre o que faz ou não sentido.

Falam bastante de Darwin; quase todos os canais educativos exibem, uma hora ou outra, algum programa sobre evolução, e eles em geral até que são bem planejados e fundamentados. Mas não entendo por que as pessoas insistem em ficar jogando os conceitos de evolução e de criação um contra o outro. Por que elas não são capazes de compreender que espiritualidade e ciência são uma coisa só? Que corpos evoluem e almas evoluem, e o universo é um lugar fluido que junta tudo num pacote maravilhoso que denominamos ser humano. O que há de errado com essa ideia?

Teóricos científicos não se cansam de dizer que os macacos são nossos antepassados mais próximos na evolução. Mas isso é especulação. Com base em quê? Com base no fato de que se descobriu que alguns crânios antigos

são semelhantes aos dos humanos de hoje? O que isso prova? Com base no fato de que alguns primatas andam sobre duas patas? Ser bípede não chega nem mesmo a ser uma vantagem. Olhe para um pé humano, cheio de dedos encurvados, calosidades e pus drenando de unhas encravadas, que não é nem mesmo duro o bastante para arranhar a terra. (Mesmo assim eu anseio pelo momento em que minha alma habitará um desses mal projetados corpos bípedes — e, por causa disso, também assumirei as preocupações humanas com a saúde!) Portanto, que importa se corpos humanos evoluíram dos macacos? Tenham eles vindo de macacos ou de peixes, isso não tem importância alguma. A ideia principal é: quando um corpo se tornou suficientemente “humano”, a primeira alma humana se introduziu nele.

Minha teoria: o parente mais próximo do homem não é o chimpanzé, como acreditam as pessoas na tv. Na verdade, é o cão.

Sigam minha lógica:

#### EXEMPLO Nº 1: O ESPORÃO

Creio que o esporão — sempre cortado das patas dianteiras dos filhotes de cachorro — seja, na verdade, a evidência de um polegar pré-emergente. Além disso, acredito que o homem tenha sistematicamente eliminado o esporão de certas linhagens de cães através de um complicado processo chamado “reprodução seletiva”, *apenas para evitar que cães evoluam e se tornem mamíferos hábeis e “perigosos”*.

Também acredito que a domesticação (para usarmos um eufemismo tolo) continuada de cães pelos homens seria motivada pelo medo: medo de que os cães, livres para evoluírem por conta própria, desenvolvam, de fato, polegares e línguas menores, e sejam, conseqüentemente, superiores aos homens que, por terem de se manter em pé, são lentos e pesados. É por isso que os cães têm de viver sob uma constante supervisão das pessoas e são logo exterminados quando encontrados vivendo por conta própria.

Do que Denny já me contou sobre o governo e seus planos secretos, acredito que esse plano desprezível foi tramado numa sala dos fundos de nada menos que a própria Casa Branca, talvez por um assistente maldoso de um presidente de capacidade moral e intelectual questionável e com base numa avaliação correta — infelizmente elaborada a partir de uma posição paranoica e não de um insight espiritual — de que *todos os cães têm inclinações progressistas quando se trata de questões sociais*.

## EXEMPLO Nº 2: O LOBISOMEM

Nasce a lua cheia. A névoa envolve os ramos mais baixos dos pinheiros. O homem surge do canto mais sombrio da floresta e se vê transformado num...

Num *macaco*?

Acho que não.

Seu nome era Eve, e no começo fiquei ressentido pela forma como ela mudou nossas vidas. Ressentia-me pela atenção que Denny dava às suas mãos pequenas, sua bunda roliça e redonda, seus quadris estreitos. Pela maneira como ele olhava para os delicados olhos verdes dela, que despontavam sob mechas elegantes de um cabelo louro e liso. Será que eu tinha inveja do seu sorriso contagiante, que eclipsava tudo o que não fosse tão especial quanto ela? É provável que sim. Pois ela era, ao contrário de mim, uma pessoa. Estava sempre bem-arrumada. Ao contrário de mim. Ela era tudo o que eu não era. Por exemplo, eu passava prolongados períodos sem uma tosa ou um banho sequer; ela tomava banho todos os dias, e tinha uma pessoa apenas para tingir seu cabelo de uma cor que Denny gostasse. Minhas unhas cresciam demais e arranhavam o piso de madeira; ela cuidava com frequência das unhas, com alicates, tesourinhas e lixas, a fim de garantir que estivessem sempre com o tamanho e a forma apropriados.

Sua atenção com os detalhes de sua aparência se refletia também em sua personalidade: era uma organizadora incrível, um pouco maçante, o tempo todo fazendo listas e tomando notas das coisas a serem feitas — ou compradas, ou reunidas — e frequentemente elaborando, para Denny e para mim, listas que denominava “Para meu amor fazer”. Assim, nossos fins de semana eram cheios de viagens à Loja de Materiais de Construção ou de esperas na fila do Posto de Descarte e Coleta de Recicláveis de Georgetown. Eu não gostava de pintar paredes, ou arrumar maçanetas, ou lavar cortinas. Mas aparentemente Denny gostava, pois quanto mais coisas ela lhe dava para fazer, mais rápido ele terminava as tarefas para poder receber sua recompensa, que em geral incluía muitos aconchegos e afagos.

Logo depois que ela se mudou para o nosso apartamento, eles se casaram numa pequena cerimônia, à qual compareci junto com um grupo dos amigos mais chegados deles e os familiares mais próximos de Eve. Denny não tinha irmãos ou irmãs para convidar, e explicou a ausência de seus pais dizendo apenas que eles não gostavam de viajar.

Os pais de Eve deixaram claro para todos os convidados que a casa em que aconteceu a cerimônia, uma pequena e charmosa casa de praia na ilha Whidbey, pertencia a amigos bem próximos deles, que não estavam presen-

tes. Permitiram que eu participasse, desde que fossem observadas regras rígidas: eu não poderia ficar perambulando livremente pela praia ou nadar na baía, pois poderia espalhar areia sobre o caro piso de mogno. E fui forçado a urinar e defecar num lugar bem específico, ao lado das lixeiras de recicláveis.

Depois que retornamos de Whidbey, percebi que Eve passou a se mover pelo nosso apartamento com maior autoridade e a adotar ações mais audaciosas para movimentar ou remover coisas: toalhas, lençóis e até mesmo alguns móveis. Ela entrou em nossas vidas e mudou tudo. Mesmo assim, embora estivesse triste com sua intromissão, havia algo nela que impedia que eu sentisse raiva. Creio que era porque sua barriga crescia.

Havia algo de bonito no esforço que ela fazia para se deitar de lado ou no modo como seus seios repousavam quando ela se deitava na cama. Isso me fazia lembrar da minha mãe na hora das refeições, quando ela suspirava e se conformava em se deitar e levantar as patas para expor suas tetas. *São estes os mecanismos que utilizo para alimentá-los. Agora comam!* E embora me ressentisse bastante da atenção que Eve dedicava ao seu bebê ainda não nascido, percebi, ao fazer uma retrospectiva, que nunca havia lhe dado motivo algum para que ela também me desse grandes doses de atenção. Talvez fosse esse o meu pesar: adorava seu jeito quando ela estava grávida, mesmo sabendo que eu nunca poderia provocar uma demonstração de afeto como aquela, pois jamais poderia ser seu filho.

Ela era devota ao bebê mesmo antes de ele nascer. A toda hora ela o tocava através da pele totalmente esticada. Cantava para ele e dançava ao pôr música para tocar. Aprendeu a fazer o bebê se mexer quando bebia suco de laranja, o que fazia com frequência, e explicava que as revistas de saúde diziam que ela tinha que tomá-lo por causa do ácido fólico, mas tanto ela quanto eu sabíamos que era só para que ele chutasse. Certa vez me perguntou se eu queria saber como ela se sentia e segurou meu rosto contra sua barriga depois de ter bebido o suco, e pude perceber que ele se mexia. Um cotovelo, pensei, empurrando maldosamente, como se tentasse escapar de uma cova. Era difícil imaginar o que se passava atrás das cortinas, lá dentro da cartola mágica de Eve, onde o pequeno coelhinho estava sendo gerado. Mas eu sabia que o que ela tinha dentro de si estava separado dela, tinha vontade própria, se movimentava quando quisesse — ou quando incitado pelo ácido fólico — e estava além de seu controle.

Admiro o sexo feminino. Capaz de gerar. Deve ser incrível ter um corpo capaz de carregar dentro de si outra criatura completa. (Quero dizer, além de vermes, coisa que já carreguei. Esses não contam, já que, na verdade, não são outras vidas. São parasitas e, para começo de conversa, nem deveriam estar lá dentro.) A vida que Eve trazia dentro de si era algo que ela mesma

produzira. Ela e Denny a tinham fabricado. Naquela época, queria que o bebê fosse parecido comigo.

Lembro-me do dia em que o bebê chegou. Eu tinha acabado de atingir a idade adulta — dois anos, contados no calendário. Denny estava em Daytona, na Flórida, para a corrida da sua vida. Ele tinha passado o ano inteiro atrás de patrocinadores, implorando, suplicando, até ter a sorte de encontrar a pessoa certa no saguão de hotel certo, que lhe disse: “Você tem garra, filho. Me ligue amanhã”. E assim ele encontrou os cobiçados dólares de patrocínio e pôde comprar uma vaga num Porsche 993 nas 24 Horas de Daytona.

Corridas de resistência não são para pessoas delicadas. Quatro pilotos, cada um deles por seis horas atrás do volante de um carro de corrida barulhento, poderoso, desafiador e caro — é um exercício de coordenação e determinação. As 24 Horas de Daytona, transmitidas pela televisão, são tão imprevisíveis quanto excitantes. O fato de Denny ter sido presenteado com essa oportunidade de pilotar na mesma época do nascimento de sua filha foi uma dessas coincidências que provocam interpretações: Eve estava consternada pela triste coincidência cronológica; Denny celebrava a generosa oportunidade e o sentimento de que tinha tudo o que podia desejar da vida.

Mesmo assim, a cronologia não funcionou. No dia da corrida, apesar de faltar mais de uma semana para a data prevista, Eve começou a sentir contrações e teve de chamar as parteiras, que invadiram nossa casa e logo tomaram conta da situação. Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto eu tinha certeza que Denny pilotava no circuito de Daytona e vencia a corrida, Eve permanecia curvada sobre a cama, assistida por duas senhoras gorduchas que seguravam seus braços, e ela, com um urro monstruoso que pareceu durar uma hora, expeliu uma pequena bolha ensanguentada de tecido humano, que se retorceu espasmodicamente e depois chorou. As senhoras ajudaram Eve a se deitar e colocaram a coisinha arroxeadada sobre o seu tronco, até que a boca ávida do bebê encontrou o mamilo de Eve e começou a sugá-lo.

“Posso ficar sozinha por um momento?”, Eve perguntou.

“É claro”, disse uma das senhoras, caminhando para a porta.

“Venha conosco, cãozinho”, disse-me a outra senhora enquanto saía.

“Não”, interrompeu Eve, “ele pode ficar.”

Eu podia ficar? Senti orgulho por fazer parte do círculo mais íntimo de Eve. As duas senhoras se apressaram para cuidar de sei lá o quê, e eu, fascinado, fiquei contemplando Eve amamentar o seu bebê. Depois de alguns minutos, quando minha atenção se desviou da primeira refeição do bebê para o rosto de Eve, percebi que ela chorava e me perguntei por quê.

Ela deixou sua mão livre pender ao lado da cama, seus dedos próximos do meu focinho. Hesitei. Não queria pressupor que ela estivesse acenando

para mim. Mas então seus dedos se moveram, nossos olhares se cruzaram, e eu soube que ela me chamava. Bati em sua mão com meu focinho. Ela ergueu os dedos até o alto da minha cabeça e me acariciou, ainda chorando com o bebê no colo.

“Eu sei que disse a ele que tinha de ir”, confessou. “Eu sei que insisti para que ele fosse, eu sei.” Lágrimas escorreram por seu rosto. “Mas queria *tanto* que ele estivesse aqui.”

Eu não tinha ideia do que fazer, mas sabia que não deveria me mover. Ela precisava de mim ali.

“Você promete que sempre me protegerá?”, ouvi-a perguntar.

Mas a pergunta não era para mim. Era para Denny, e eu era apenas um representante dele. Mesmo assim, percebi o compromisso que estava assumindo. Eu sabia que, como cachorro, nunca poderia interagir com os humanos do modo como verdadeiramente desejava. Ainda assim, naquele instante, percebi que eu poderia ser algo mais. Que poderia dar algo que as pessoas à minha volta necessitavam. Que poderia confortar Eve quando Denny estivesse ausente. Que poderia proteger o bebê. Embora eu sempre ansiasse por mais, aquele parecia ser um bom ponto de partida.

No dia seguinte, Denny chegou abatido de Daytona. Mas seu estado de espírito transformou-se de imediato quando ele segurou sua garotinha, à qual eles deram o nome de Zoë — não por minha causa, mas por causa da avó de Eve.

“Você viu meu anjinho, Enz?”, ele me perguntou.

Se eu a *vira*? Eu praticamente *fizera seu parto*!

Desde a sua volta, Denny pisava em ovos, pois sentia que aquele era um momento delicado. Os pais de Eve, Maxwell e Trish, estiveram presentes desde que Zoë nasceu, cuidando da filha e de sua nova netinha. Comecei a chamá-los de Gêmeos, pois eram muito parecidos, com o mesmo tom de cabelo tingido, e porque usavam sempre roupas parecidas: calças cáqui, de poliéster, combinadas com suéteres ou camisas polo. Quando um deles usava óculos escuros, o outro imitava. O mesmo em relação a bermudas e meias, sempre esticadas até os joelhos. E ambos cheiravam a química: plástico e produtos para cabelos à base de petróleo.

Desde que chegaram, os Gêmeos censuraram Eve por ter parido em casa. Diziam que ela tinha colocado a saúde do bebê em risco e que nos dias de hoje era muita irresponsabilidade deixar de fazer o parto num hospital de prestígio e com os médicos mais caros. Eve tentava explicar que, no caso de mães saudáveis, as estatísticas demonstram exatamente o contrário, e que qualquer sinal de complicação teria sido percebido pela experiente equipe de parteiras, mas eles não se convenceram. Por sorte de Eve, o retorno de Denny

significava que os Gêmeos deixariam suas falhas de lado e se voltariam para as dele.

“Foi muito azar”, disse Maxwell a Denny certo dia na cozinha. O pai de Eve estava exultante, eu era capaz de perceber em seu tom de voz.

“Você ganhou algum dinheiro?”, Trish perguntou.

Denny estava perturbado, e eu não sabia ao certo o motivo — até que, naquela mesma noite, Mike apareceu, e ele e Denny abriram suas cervejas. Descobri então que Denny tinha sido escalado como o terceiro piloto na corrida. O carro vinha andando bem, ia tudo às mil maravilhas. Eles estavam em segundo na categoria, e Denny facilmente assumiria a liderança quando o sol se pusesse e tivesse início a corrida noturna. Mas o segundo piloto bateu contra a mureta na Curva 3.

Ele bateu quando um protótipo de Daytona — um carro mais rápido — estava se aproximando. Primeira regra das corridas: nunca dê passagem para alguém; deixe que *ele* o ultrapasse. Mas o piloto da equipe de Denny se afastou para o lado, atingindo as “bolas de gude”, como são chamados os pedaços de borracha que se soltam dos pneus e se acumulam na lateral da pista. O carro saiu bruscamente de traseira, arremessando-se contra a mureta em velocidade bem próxima da máxima e estilhaftando-se em mil pedaços.

O piloto escapou ileso, mas aquilo significava o fim da corrida para a equipe. E Denny, que passara um ano trabalhando para brilhar naquele momento, se viu em pé no canteiro central da pista — com o espalhafatoso macacão cheio de patrocínios feito especialmente para a corrida, o capacete ajustado com todo tipo de acessório de rádio e respiradouros e o dispositivo de segurança Hans, de fibra de carbono —, testemunhando a oportunidade de sua vida ser arrastada para fora da pista pelo safety car, ser acorrentada a um guincho e ser levada embora para ser recuperada, sem que ele pudesse ter se sentado nela por uma volta sequer.

“E você não ganhou dinheiro nenhum”, supôs Mike.

“Não estou nem aí para isso”, retrucou Denny. “Eu tinha que estar aqui.”

“Ela veio antes da hora. Ninguém consegue prever essas coisas.”

“Eu consigo”, disse Denny. “Se quiser ser bom de verdade, tenho que ser capaz de prever.”

“Que seja”, disse Mike, erguendo sua garrafa de cerveja. “À Zoë.”

“À Zoë”, repetiu Denny.

À Zoë, disse comigo mesmo. *A quem sempre irei proteger.*